

Visão Crítica

“O importante é o país, e não o interesse de cada um”, foi o saldo das declarações do presidente Fernando Henrique, no seu último encontro com jornalistas em Buenos Aires. As referências ao que está se passando (ou deixando de se passar) no Brasil tiveram o toque pessoal da improvisação. A sentença foi mais evasiva que agressiva aos políticos, em relação aos quais o presidente costuma ter ressalvas.

As relações entre o Executivo e o Legislativo não estão transcorrendo tão fáceis como no primeiro mandato, quando Fernando Henrique manteve padrão de convivência menos acidentado. Ficou mais difícil a articulação das correntes no Congresso, diante da situação complicada pela reeleição. Está clara a verificação de que teria sido politicamente mais proveitosa outra ordenação das reformas. A crise cambial de janeiro proporcionou ao governo a consciência do tempo perdido por inversão das prioridades naturais.

O adiamento da reforma política – do primeiro para o segundo governo – confirmou os receios dos que propunham o ajuste definitivo (lei eleitoral, partidos, sistema de votação, propaganda) como primeiro passo para uma empreitada que se satisfaz em retificar os preconceitos da ditadura. A primeira eleição de Fernando Henrique despertou a aspiração de reformas latentes na estabilidade da moeda, mas por desarticulação política perdeu-se tempo e esperou-se o milagre.

As tendências de oposição não conseguiram criar uma visão crítica, enquanto o governo obte-

ve da estabilidade tudo o que necessitava, sem deixar aos partidos adversários material crítico aproveitável. Não se consolidou a visão crítica da ação do governo, e a sucessão presidencial evidenciou o despreparo oposicionista para disputar a confiança política da sociedade. A avaliação política dos erros apareceu em janeiro quando o governo foi apanhado pela crise cambial e a oposição renasceu das cinzas, com a fênix do lugar-comum.

Não foram mais as mesmas, porém, as relações do presidente com os partidos que lhe dão sustentação parlamentar: o PFL saiu das sombras para o Sol eleitoral, que se levantou cedo para o pleito municipal do próximo ano e estará a pino na eleição dos governadores e do presidente da República em 2002. A reeleição retirou do governo fôlego suficiente para manter, ainda que para uso externo, a unidade entre as três maiores legendas sobre as quais se equilibra o presidente Fernando Henrique. Com a crise cambial de janeiro, sob a atmosfera de incerteza que impregnou o primeiro ano do segundo mandato, a disputa começou cedo na cabeça dos candidatos: a oposição adiantou as suas pedras no tabuleiro e os partidos que estão no poder se sentem empurrados para o jogo em cuja antecipação não estavam interessados.

Fez bem o presidente Fernando Henrique lembrar, no clima de final de ano, que “o importante é o país e não o interesse de cada um”. Já seria alguma coisa se conseguisse passar a certeza de que o mais importante é o interesse do país, porque o de cada um pode esperar.